



AVON
VIOLÊNCIA
CONTRA AS
MULHERES

MUITO ALÉM DO
CYBERBULLYING:

A VIOLÊNCIA REAL DO MUNDO VIRTUAL



INSTITUTO AVON

DEC**U**DE

MUITO ALÉM DO CYBERBULLYING: A VIOLÊNCIA REAL DO MUNDO VIRTUAL

Há 18 anos, quando o Instituto Avon assumiu o compromisso de estar ao lado das mulheres no enfrentamento a dois de seus maiores desafios – o câncer de mama e as violências –, assumimos também as responsabilidades e os obstáculos inerentes a essas duas causas. Em um país de dimensões continentais, em que uma em cada quatro brasileiras acima de 16 anos sofreu algum tipo de violência nos últimos 12 meses*, é imprescindível transpor quaisquer limites e barreiras que nos impeçam de estar onde elas estão.

A presença em 100% do território brasileiro, por meio da atuação da nossa rede de mais de 1 milhão de Representantes Avon e parceiros, nos permite superar grande parte dos obstáculos geográficos para levar informação e serviços que salvam vidas. Porém, a mesma tecnologia que nos faz chegar às brasileiras de norte a sul do país também as expõe aos riscos da vida real.

A violência virtual não conhece fronteiras. Caracterizada pela exposição a um grande número de pessoas, com a perpetuação imensurável das informações propagadas e dos conteúdos compartilhados, essa forma de violência tem as mulheres e meninas como alvo em 95% dos casos**.



AVON
VIOLÊNCIA
CONTRA AS
MULHERES

Em um mundo cada vez mais digital, que vem redefinindo as relações sociais, é fundamental que se debata, com urgência, a banalização da violação de direitos e a violência. Esta pesquisa inédita, desenvolvida pelo Instituto Avon e pela Decode, especialista em mineração, manejo e análise de dados, traz dados expressivos sobre as diversas formas pelas quais violências contra mulheres e meninas aparecem na internet, permitindo reflexões para que avancemos rumo a ambientes digitais saudáveis, democráticos e seguros para todas e todos.

Na era da informação, façamos dela nossa principal ferramenta para a transformação. Seguimos juntas e juntos, em todas as esferas, por todas as mulheres.

Daniela Grelin

Diretora executiva do Instituto Avon

*Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – 2021

**Dados da ONU

Apresentação e Contextualização: uma pesquisa atravessada pela pandemia

Entre 2019 e 2020, o Instituto Avon, braço de responsabilidade da marca Avon que atua há 18 anos nas causas e atenção ao câncer de mama e enfrentamento às violências contra meninas e mulheres, se juntou à Decode, empresa especializada em mineração, manejo e análise de dados, para produzir uma pesquisa inédita sobre as diversas formas pelas quais violências contra meninas e mulheres aparecem e acontecem em ambientes digitais.

Os dados trazidos pela Decode foram extraídos de espaços e plataformas digitais, isso significa que não são resultado de questionários ou entrevistas estimuladas, mas que foram produzidos e compartilhados espontaneamente por usuários e usuárias de internet, de forma autorizada de acordo com as regras de cada plataforma e rede social. Todos os dados foram tratados forma anonimizada respeitando a privacidade dos usuários e usuárias.

Naquele momento, nosso intuito era o de investigar a temática da violência contra meninas e mulheres na internet em eixos múltiplos, em especial a partir de quatro temas: (1) relatos e histórias de violência compartilhadas por mulheres e meninas nas redes; (2) o uso da internet como forma de apoio e busca por informações sobre denúncias; (3) o consumo de pornografia em plataformas online; (4) uma análise de fóruns que reúnem praticantes de violências contra meninas e mulheres, mais especificamente os *chans*.

A pesquisa trouxe dados expressivos, em grandes volumes e com muita diversidade, que demonstravam que a internet é um lugar repleto de possibilidades de violências contra meninas e mulheres, violências estas que assumem formas heterogêneas, multifacetadas e complexas. Na prática, isso significa que há vários nomes e tipos de situação que envolvem violação aos direitos de meninas e mulheres em interações digitais: assédio, cyberstalking ou perseguição, vazamento de nudes, entre outros. Falar sobre esse assunto, envolve necessariamente reconhecer esta variedade. Só que para além de um espaço potencialmente perigoso, a internet também funciona como um ambiente para o qual meninas e mulheres recorrem em busca de informações, ajuda e apoio, seja para compartilhar suas histórias ou mesmo para fazer denúncias.

PRINCIPAIS TEMAS PESQUISA PRÉ-PANDEMIA 2019-2020



1. RELATOS

Relatos e histórias de violência compartilhadas por mulheres e meninas nas redes;



2. DENÚNCIAS

O uso da internet como forma de apoio e busca por informações sobre denúncias;



3. PORNOGRAFIA

Um olhar atento para o consumo de pornografia online;



4. VIOLÊNCIA DIGITAL

Uma análise de fóruns que reúnem praticantes de violências contra meninas e mulheres.

Pesquisa realizada entre **janeiro de 2019 e março de 2020**, a partir da análise de mais de

286mil  **VÍDEOS**

154mil  **MENÇÕES**



ANALISAMOS
MAIS DE

164
mil

postagens de notícias
sobre o tema

Realizada entre janeiro de 2019 e março de 2020, a partir da análise de mais de 286 mil vídeos e 154 mil menções, comentários e reações na forma de curtidas, compartilhamentos e repercussões em ambientes digitais, bem como mais de 164 mil postagens de notícias sobre o tema, tivemos como resultado uma amostra com nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%.

Assim que a parte analítica de nossa pesquisa ficou pronta, começamos a nos dedicar a transformar números, estatísticas e gráficos em um material mais compreensível, didático e bonito. Esse processo teve início em março de 2020, mesmo mês em que eclodiu a pandemia da COVID-19 no Brasil. De um dia para o outro, literalmente, nossas vidas mudaram de forma brusca e inesperada, e a internet, como parte das novas tecnologias de informação e comunicação (TICS) teve um papel fundamental nessas transformações, seja na economia, no comércio, na educação, nas empresas, ou mesmo nos costumes.

Medidas de restrição de circulação e o isolamento social foram as respostas de autoridades políticas de diferentes estados e cidades do Brasil como forma de mitigar o avanço da epidemia do novo coronavírus, doença respiratória que assolou o mundo de forma fugaz e letal, acarretando, também, em consequências sociais e econômicas.

Em meio às novas medidas, testemunhamos o fechamento completo de diversos espaços e serviços que fazem parte de nosso dia a dia, como escolas, meios de transporte, ambientes de trabalho, faculdades, entre outros. Por conta disso, muitas das atividades que cotidianamente fazíamos presencialmente foram transferidas, na medida do possível, para interações digitais. Plataformas de reuniões via web, home-office, aulas remotas e encontros de família por aplicativos se tornaram, de alguma forma, uma realidade quase inescapável. A internet, que já era parte integral da maior parte dos brasileiros e das brasileiras, passou a ter uma centralidade ainda mais evidente em nossas vidas.

É importante lembrar que, embora maciçamente popular, a internet não é realidade para uma parcela significativa da população brasileira. Segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em abril de 2021, quase 40 milhões de brasileiros ainda não tem acesso à internet. A exclusão digital atinge 1 em cada quatro brasileiros, segundo da pesquisa TIC Domicílios de 2019, que corresponde a um período prévio à pandemia.

Vencida a barreira do acesso, persiste ainda uma outra dificuldade a muitos brasileiros: a desigualdade digital. Boa parte da nossa população acessa a internet majoritariamente via celular, pacotes de plano caros e limitados, bem como com sinais ruins ou irregulares. Isso significa um menor aproveitamento das possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais, como uso da internet para pesquisas

EXCLUSÃO DIGITAL

QUASE

40 milhões de brasileiros ainda não têm acesso à internet.



A EXCLUSÃO DIGITAL ATINGE **1 EM CADA QUATRO** BRASILEIROS



Outra dificuldade a muitos brasileiros:

DESIGUALDADE DIGITAL



Pacotes de dados caros e limitados



Sinais ruins ou irregulares

* IBGE e Pesquisa TIC Domicílios, ambas de 2021.

escolares, cursos e trabalhos remotos, entre outras atividades que exigem uma conexão mais rápida e de melhor qualidade.

Tendo em vista esse cenário, o Instituto Avon e a Decode se uniram novamente em 2021 para realizar uma nova imersão da pesquisa que desse conta de algumas mudanças e transformações oriundas da pandemia. Sendo assim, neste material, você encontrará tanto os resultados de nossa pesquisa original quanto os dados trazidos pela tomada pandêmica.

A nova tomada foi realizada entre julho de 2020 e fevereiro de 2021. Dessa vez, prestamos atenção em quatro eixos temáticos que dialogam com a pesquisa anterior: (1) relatos sobre violências contra meninas e mulheres que acontecem em espaços e interações digitais; (2) relatos de violência doméstica e familiar, (3) abordagens midiáticas sobre o tema da violência contra meninas e mulheres; e (4) consumo de pornografia online.

PRINCIPAIS TEMAS PESQUISA DURANTE A PANDEMIA 2020-2021



1. RELATOS

Relatos sobre violências contra meninas e mulheres que acontecem em espaços e interações digitais;



2. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Relatos de violência doméstica e familiar;



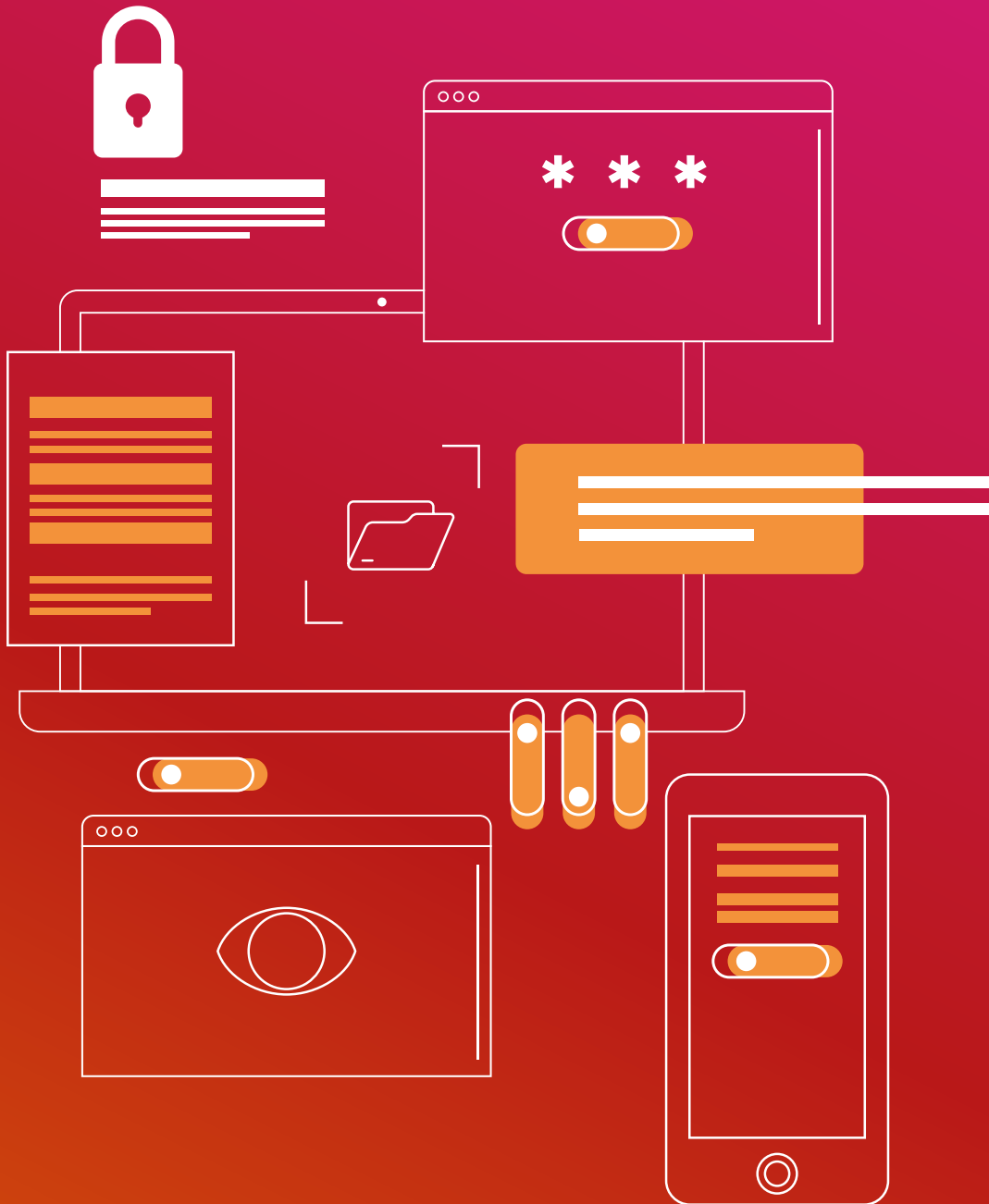
3. MÍDIA

Abordagens midiáticas sobre o tema da violência contra meninas e mulheres;



4. PORNOGRAFIA

Consumo de pornografia online.



Eternamente conectados: o virtual é real

As tecnologias digitais já são parte integral de nossas vidas. A tecnologia da internet se popularizou no final do século XX e a cada dia fica mais difícil imaginar viver sem ela. A cada instante mais conectados aos dispositivos eletrônicos, há quem até mesmo sinta que o celular, o *tablet* ou o computador conectado à rede seja uma espécie de extensão de si mesmos.

É comum que muitos e muitas de nós passemos o dia freneticamente mantendo contato pelas redes sociais, usando ferramentas de pesquisa e trabalho, tirando fotos, *'printando'* informações e mandando todo o tipo de mensagens. Completamente inseridas em nossas relações e nossos sentimentos, as novas tecnologias digitais de comunicação e informação são apenas mais um dos lugares em que a vida acontece.

Quando estudiosos começaram a pensar sobre a internet e seus impactos na vida social, ainda nos primórdios da popularização dos usos de computadores pessoais nos anos 1990, era comum que as interações que aconteciam através da rede fossem descritas e pensadas como **virtuais**. Era como se houvesse dois mundos que se comunicavam, mas eram distintos: o virtual e o real. O adjetivo não é neutro, pois passava (e ainda o faz) a impressão de que o que se passava na internet não correspondia exatamente às interações que temos face a face, isto é, na vida considerada real.

Com as mudanças cada vez mais rápidas das plataformas digitais – em especial, as redes sociais – e o surgimento de uma grande variedade de dispositivos conectáveis – como os celulares em seus modelos *smartphone* e os *tablets*, por exemplo – as interações mediadas pelo digital começaram a fazer parte cada vez mais constante da tal vida real.

Os *smartphones*, por exemplo, propiciaram o advento das câmeras digitais rapidamente conectáveis a aplicativos e plataformas, multiplicando a quantidade de imagens que produzimos e circulamos. As redes sociais, por sua vez, trouxeram os perfis individuais com imagens, informações e opiniões pessoais rapidamente compartilhadas com amigos, conhecidos e familiares. Hoje somos cada vez mais identificáveis e reconhecíveis em nossas interações digitais.



VAZAMENTO DE CONTEÚDO ÍNTIMO:

36% das vítimas mencionaram desespero por ajuda, informações sobre como retirar material do ar, buscar ajuda e caminhos judiciais cabíveis e rápidos. Acabaram se isolando, sofrendo repressão familiar e 14% pensou em suicídio.

PERSEGUIÇÃO:

As vítimas relatam indignação e repulsa (65% e 24%), pedem conselhos e ajuda. Quase metade mudou sua vida de alguma forma (caminho, transporte, bem como comportamento em redes sociais).

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:

A emoção mais relatada é o medo (42%) e o desespero (32%), o que ajuda a responder a pergunta do por que mulheres não denunciam ou não buscam ajuda, receio de sofrer novas agressões ou de que elas se agravem, e em casos de ex parceiros que eles se reaproximem para novas agressões. Resultado: adoecimento psíquico duradouro (depressão, crises de ansiedade, traumas). Consequências: desconfiança com relação a novos envolvimento e isolamento da sociedade, isto é, ter a vida social abalada.

CONSEQUÊNCIAS
MENCIONADAS
NOS RELATOS:

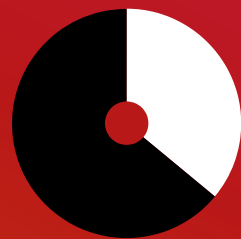
mais de 10%

dos casos mapeados em nossa pesquisa trazem relatos de meninas e mulheres que, após situações de vazamentos, apresentaram **pensamentos suicidas** decorrentes desta violência.



15%

é o valor aproximado das vítimas que se sentiram culpadas.



36%

mencionaram desespero por ajuda sobre como tirar conteúdos do ar.

Isso não significa, é claro, que tenha se tornado impossível navegar de modo não detectável, interagir anonimamente ou criar os famosos “perfis fakes”. Contudo, a maior parte dos usuários e das usuárias das tecnologias digitais circula justamente pelos espaços mais populares, como o Facebook, o Instagram, o Twitter e o WhatsApp, lugares em que a comunicação se dá entre familiares, amigos/as, conhecidos/as e conhecidos de conhecidos/as, fazendo do ambiente digital **uma verdadeira extensão do mundo físico**.

Podemos dizer, então, que nossas atividades online são uma espécie de **continuidade** de interações face a face, e que elas permitem tanto a manutenção de vínculos de intimidade e afeto quanto a ampliação de espaços e possibilidades de reivindicação e atuação social. Nesse sentido, o virtual seria não menos real, mas parte constitutiva dele.

As tecnologias digitais e a internet estão completamente entranhadas em nossas vidas. Por elas nos comunicamos, fazemos cursos e aulas, pagamos contas, procuramos emprego, consumimos, namoramos, brigamos, cometemos e, infelizmente, sofremos violências. Na internet, não estamos imunes aos riscos sociais que corremos do lado de fora das telas. E, ao contrário do que muita gente pensa, **violações que acontecem no espaço digital não são menos graves ou relevantes do que aquelas que acontecem em interações face a face**.

Os perigos da rede: violência contra mulheres e meninas na internet

Pensando os espaços digitais como uma extensão da vida face a face, não é de se espantar que **a internet reproduza violências costumeiras no mundo físico**. Além disso, para além de reprodutora de violações pré-existentes, **a internet também propicia o surgimento e a disseminação de formas de violência decorrentes das possibilidades trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação**.

Desqualificações, humilhações, perseguições, assédios e exposições trazem consequências seríssimas para as pessoas que as vivenciam, causando traumas emocionais e adoecimentos psíquicos. **Em se tratando de meninas e mulheres, a violência do espaço digital reafirma padrões e estereótipos de gênero (expectativas sobre como mulheres devem se comportar) danificando a reputação e a autoimagem bem como impedindo a liberdade de expressão, a dignidade e o bem-estar nos espaços virtuais**.

VIOLÊNCIA

VIR

TU

AL



Ameaça
Virtual



Perseguição
Virtual



Assédio
Virtual



Vazamento
de Conteúdo
Íntimo



152 mil

relatos de violência contra meninas e mulheres

PRINCIPAIS FORMAS DE VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES:

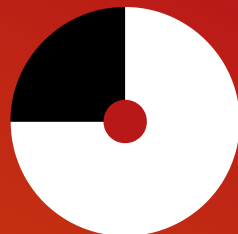
- 1 **Vazamento** não autorizado de imagens íntimas
- 2 **Perseguição** (stalking)
- 3 **Ameaças**
- 4 **Assédio**

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) ESTIMA QUE:



95% de todos os comportamentos agressivos e difamadores na internet tenham mulheres como alvo.

87 RELATOS DE VIOLAÇÃO POR DIA



75% das vítimas de assédio online são mulheres e meninas de até 24 anos.

Apesar de seus impactos positivos em nossas vidas, a popularização de tecnologias de comunicação e redes sociais viabilizaram novas formas de violência contra mulheres e meninas. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 95% de todos os comportamentos agressivos e difamadores na internet tenham mulheres como alvos. A violência online, dizem especialistas, subverteu a premissa original positiva da liberdade na internet e a tornou um espaço arrepiante que permite crueldade anônima e facilita ataques contra mulheres e meninas.

As violências que acontecem em espaços digitais têm como principais características a **exposição** da vítima a amplas audiências, a **permanência** das informações e a **falta de controle** sobre a repercussão dos conteúdos compartilhados.

Dito de outra maneira, a internet torna possível expor alguém a um volume expressivo de pessoas, familiares, amigos/as e colegas de trabalho, trazendo prejuízos profundos para a vida social e afetiva da vítima. Além disso, os momentos na internet tendem a ficar se repetindo no tempo, uma vez que podem ser salvos e compartilhados por terceiros quando bem entenderem. Por fim, em situações de violência em ambientes digitais, a vítima não tem controle sobre o tamanho da repercussão da circulação de um determinado conteúdo. Uma vez *'viralizado'*, o material ganha vida própria.

Em nossa pesquisa realizada entre 2019 e 2020, encontramos mais de **152 mil relatos de violência contra meninas e mulheres, o que corresponde a 87 relatos de violação por dia.**

Internet não é terra sem lei!

Por conta dessa dificuldade de se internet o ambiente digital como um lugar real e onde direitos e deveres são idênticos àqueles da vida offline, muita gente sequer nomeia situações de violações que acontecem na rede, seja por não darmos a devida importância ou por acharmos que a internet seria uma espécie de “terra sem lei”, na qual violências e violações sequer são investigadas ou punidas.

No Brasil, há leis que criminalizam todas as condutas nomeadas acima em nosso Código Penal, sejam elas cometidas online ou offline.

Além disso, o Artigo 21 do Marco Civil da Internet estipula que os provedores e plataformas de internet devem retirar conteúdos que violem a intimidade de usuários e usuárias e que foram compartilhados em seus serviços.



PERSEGUIÇÃO OU STALKING

Art. 147-A. Perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade.

PENA Reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa.

IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro:

PENA Reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave.

REGISTRO E DIVULGAÇÃO NÃO AUTORIZADOS DA INTIMIDADE SEXUAL

Art. 216-B. Produzir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado sem autorização dos participantes:

PENA Detenção, de 6 (seis) meses a 1 (um) ano, e multa.

Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia.

PENA Reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave



VAZAMENTOS DE CONTEÚDOS ÍNTIMOS

Forma de violência em ambientes digitais que causa impactos profundos em suas vítimas. Uma em cada dez mulheres e meninas que relataram ter vivido esta violação também compartilhou ter pensado em suicídio.



PERSEGUIÇÃO E AMEAÇA

Costuma envolver ex-parceiros afetivos das vítimas. A medida mais frequente tomada pela vítima é a exclusão da conta e/ou retirada do ambiente digital.



ASSÉDIO

Situação em que são feitas abordagens de cunho erótico ou sexual sem o consentimento da pessoa abordada. Acontece com maior frequência em perfis de redes sociais. As vítimas mais comuns são mulheres e meninas de até 24 anos (75% das vezes). Como as plataformas não propiciam punições ou bloqueios mais severos aos agressores, muitas meninas e mulheres optam por criar perfis pessoais ou por sair totalmente das redes sociais.

Nudes são tendência, mas tem que haver consentimento

Se vários elementos de nossas vidas estão entrelaçados pelas possibilidades trazidas pela comunicação digital, não seria diferente com o exercício de nossa sexualidade e de nossas relações afetivas e amorosas. A produção e o envio de nudes são práticas cada vez mais cotidianas, pois como já repetimos algumas vezes, o virtual é bastante real. Se consentidas e respeitadas, a produção e a troca de nudes são interações saudáveis e seguras. O problema acontece quando pessoa que está naquelas imagens não consentiu ou autorizou que elas fossem filmadas/fotografadas e/ou compartilhadas.

Uma das facetas mais comentadas das violências específicas da internet é o **vazamento de imagens íntimas**, isto é, o compartilhamento e a circulação de vídeos e fotos sem a autorização das pessoas que estão retratadas naqueles materiais. Nos relatos que encontramos em nossa pesquisa, os vazamentos geram impactos extremamente negativos em suas vítimas.

A circulação de imagens íntimas de meninas e mulheres não é uma novidade do ambiente digital. Contudo, algumas especificidades das redes ampliam os danos trazidos por essa situação: expondo a vítima a um volume expressivo de pessoas com quem ela convive, como familiares, amigos e colegas de trabalho; esparramando descontroladamente um material que é privado, e passa a poder ser baixado e salvo por terceiros; e, de certa forma, eternalizando aquela violação.

Em relatos analisados na pesquisa, as meninas e mulheres que passaram por situações de vazamentos relatam com frequência passarem por situações frequentes de desespero, indignação, medo, tristeza e culpa. Muitas meninas e mulheres comentam os impactos dessa violência em suas vidas, como o desenvolvimento de quadros de depressão, crises de ansiedade e outros adoecimentos, distanciamento de relações sociais afetivas, prejuízos aos relacionamentos amorosos, dificuldade em estabelecer novos laços bem como conflitos e repressão por parte de familiares.

Mais de 10% dos casos mapeados entre 2019 e 2020 trazem relatos de meninas e mulheres que, após situações de vazamentos, apresentaram pensamentos suicidas decorrentes desta violência. Quase 15% se sentiram culpadas. 36% mencionaram desespero por ajuda sobre como tirar conteúdos do ar ou quais medidas judiciais seriam cabíveis e rápidas.

MAIS DE 10% DOS CASOS TRAZEM RELATOS DE PENSAMENTOS SUICIDAS APÓS SITUAÇÕES DE VAZAMENTOS. QUASE 15% DAS MULHERES SE SENTIRAM CULPADAS.

Vazamentos podem circular entre conhecidos via WhatsApp, gerando um grande impacto emocional quando chegam em determinados pontos de contato das pessoas retratadas nas imagens, trazendo muitos danos sociais e emocionais para as vítimas. Muitas relatam que os maiores medos e prejuízos advêm de quando esses materiais chegam a familiares, em especial, aos pais, irmãos e namorados.

No entanto, é importante saber que uma menor parte desses materiais vai parar em sites pornográficos e, muito embora não necessariamente cheguem em pontos de contato das pessoas retratadas, por outro lado, geram um volume grande de visualizações.

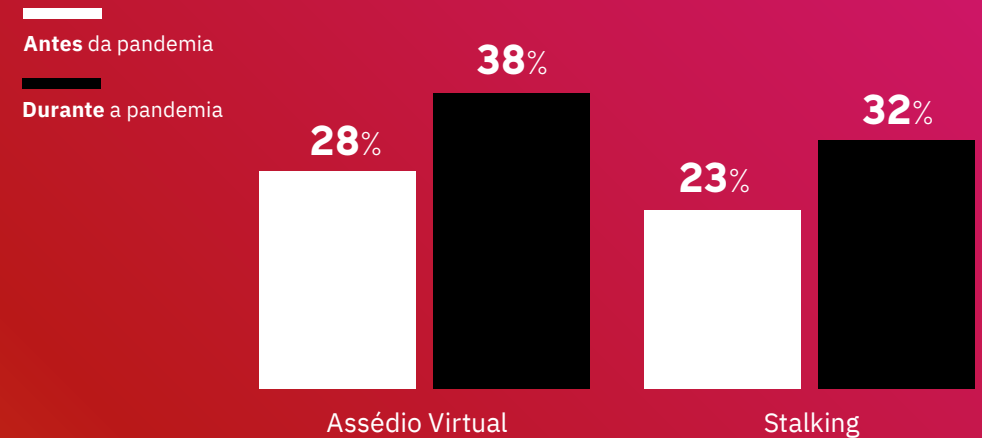
O que encontramos durante a pandemia da COVID-19?

Na tomada pandêmica de nossa pesquisa, percebemos um aumento significativo de relatos de assédio, violência doméstica e violências que ocorrem em ambientes digitais.

No universo de violências em espaços e interações virtuais, o **assédio** foi o mais citado durante a pandemia, representando **38% do total desses relatos**. Metade dos casos de assédio envolvia recebimento de mensagens não consensuais com conteúdo sexual, em seguida, seguido do envio de fotos íntimas não solicitadas e de comentários de ódio.

Os casos de stalking/ perseguição que encontramos na tomada pandêmica da pesquisa, trazem ex-companheiros e ex-cônjuges como os responsáveis pelas violações, aparecendo em 84% dos relatos analisados.

RELATOS DE VIOLÊNCIAS ANTES E DURANTE A PANDEMIA



PRINCIPAIS ATUAÇÕES DOS PRATICANTES DE AMEAÇA VIRTUAL, SEGUNDO RELATOS DURANTE A PANDEMIA – JUL 2020 A FEV 2021

Revenge Porn



Como acontece

Ex-parceiros que ameaçam compartilhar conteúdos íntimos.

Sextorsão



Hackers ou pessoas que conseguiram obter conteúdos íntimos e ameaçam em troca de dinheiro.

Violência Sexual Virtual



Chantagem psicológica e ameaças as vítimas são coagidas a fazer favores sexuais no ambiente digital.

RELATOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA POR VIZINHOS NA PANDEMIA

Antes da pandemia
jul/19 a fev/20

7.186



Relatos de violência

Durante a pandemia
jul/2020 a fev/2021

22.323

AUMENTO DE
211%

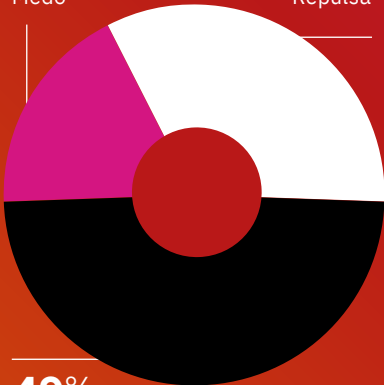


Relatos de violência

EMOÇÕES DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA VIRTUAL, SEGUNDO RELATOS NA PANDEMIA

18%
Medo

33%
Repulsa



49%
Indignação

PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS À VIDA DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA VIRTUAL NA PANDEMIA

Medo de sair de casa

35%

Exclusão de contas em redes sociais

21%

Desespero em meio à situação

20%

Ansiedade com ligações e notificações

12%

Indignação com os parceiros

8%

Sensação de constante perseguição

4%

Entre os relatos de ameaça virtual, destacam-se ameaças relacionadas a vazamentos de nudes, que representam 39% dos relatos. As ameaças podem vir de ex-parceiros que ameaçam compartilhar conteúdos íntimos para chantagear meninas e mulheres ou de hackers ou pessoas que conseguiram obter conteúdos íntimos sem permissão e ameaçam divulgar os conteúdos em troca de dinheiro.

Em ambos os casos, por meio de chantagem psicológica e ameaças, as vítimas relatam que são coagidas a fazer favores sexuais no ambiente digital, como serem obrigadas a se despir em uma ligação de vídeo.

Apesar dessas violações acontecerem por meio de interações digitais, as consequências das violências virtuais transbordam também para o ambiente físico:

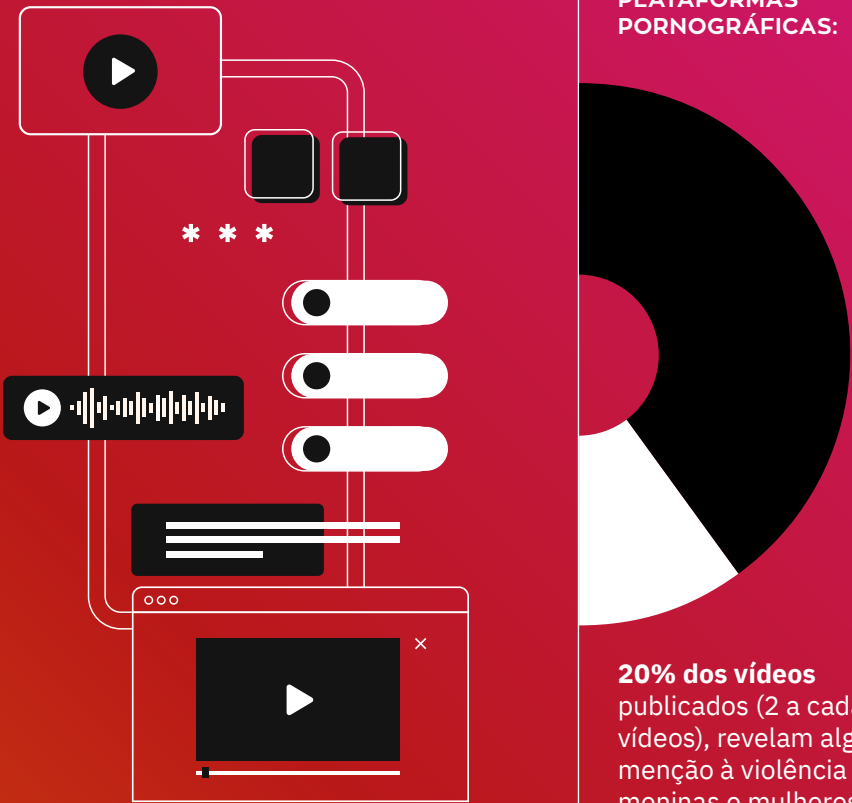
35% das vítimas relatam terem desenvolvido medo de sair de casa,

21% das mulheres que passaram por violência excluem suas contas em redes sociais,

Mais de 30% relatam efeitos psicológicos sérios (como adoecimento psíquico, isolamento social e pensamentos suicidas).

Notamos, na tomada pandêmica, um crescimento de 44% nos relatos de assédios de professores, tutores e educadores, que durante a pandemia passaram a ter mais contato com as vítimas através de aulas remotas. Há uma média de 36 relatos mensais sobre violências de professores contra alunas no digital.

Dados Período pré-pandemia: jul/2019 a fev/2021.

PLATAFORMAS
PORNOGRÁFICAS:


20% dos vídeos publicados (2 a cada 10 vídeos), revelam alguma menção à violência contra meninas e mulheres.

QUESTÃO
PREOCUPANTE

19%
dos vídeos
analisados contêm
aspectos de
violência de gênero

DESCRITIVO
COMUNS DOS
VÍDEOS

- Sexo com menina dormindo/ bêbada/drogada
- Gravação por baixo da saia no transporte público
- Câmera escondida
- Exposição da ex-namorada/ pornografia de vingança
- Estupro

O problema oculto da pornografia amadora: a banalização da ausência de consentimento

Brasileiros consomem muita pornografia na internet, tendo grande preferência por conteúdos considerados ‘caseiros’, isto é, aparentemente mais naturais. As produções supostamente amadoras enfatizam uma gama variada de aspectos, como fantasias e fetiches sexuais. A pornografia amadora não é um problema em si própria, uma vez que sejam observados critérios de dignidade às pessoas envolvidas na produção e na circulação destes conteúdos, bem como o respeito às leis vigentes no país.

Uma questão preocupante evidenciada por nossa pesquisa, tanto na tomada de 2019 a 2020 quanto na imersão pandêmica, é que alguns materiais circulados como pornográficos foram filmados e circulados sem autorização de todas as partes filmadas.

Mapeando características e descrições **de mais de 286 mil vídeos de plataformas de conteúdos pornográficos**, entre janeiro de 2019 e março de 2020, identificamos que 4% de todo o material disponível se assemelham ou pode tratar-se de vídeos vazados sem autorização. Isso corresponde a 11.400 vídeos que foram visualizados cerca de 4.7 milhões de vezes.

Esse número sinaliza **certa naturalização e aceitação de situações em que não se respeita o consentimento** de mulheres e meninas para a produção e a circulação desses materiais. Na legislação brasileira, tanto a produção quanto a circulação de materiais sexuais sem autorização são crimes tipificados pelo Código Penal.

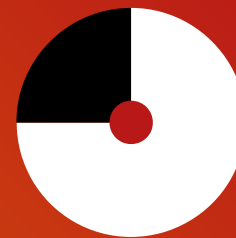
No mais, de acordo com nossos dados de 2019 a 2020, cerca de 20% dos materiais encontrados em plataformas pornográficas fazem alusão diferentes formas de violência contra meninas e mulheres, e 16% trazem conteúdos relacionados às mesmas violências.

Em alguns casos, trata-se de encenações e atuações de profissionais. No entanto, em outros, existem claros indícios de situações que podem ser violações e crimes. Entre eles, são muito comuns vídeos que trazem descritivos como “sexo com menina dormindo/bêbada/drogada”, “gravação por baixo da saia no transporte público”, “câmera escondida”, “exposição da ex-namorada/ pornografia de vingança” e até mesmo “estupro”. Em nosso levantamento, estimamos um número de visualizações de cerca de 25,9 bilhões, entre 2019 e 2020, de vídeos de meninas e mulheres sendo violentadas enquanto estão inconscientes (dormindo, medicadas, alcoolizadas ou sob efeito de substâncias).

Plataformas pornográficas dispõem conteúdos relacionados à violência de gênero com frequência – a cada dez vídeos publicados, dois revelam alguma menção à violência contra meninas e mulheres. Essas plataformas obtêm um volume expressivo de usuários diariamente, representando um dos maiores tráfegos de acessos de toda a internet.

7.800 relatos

Conseguimos traçar algumas características sociodemográficas (classe social, idade, características físicas) de vítimas preferenciais de situações de **assédio, perseguição e violência doméstica**.



75%
dos relatos se trata
de mulheres com
menos de 24 anos.

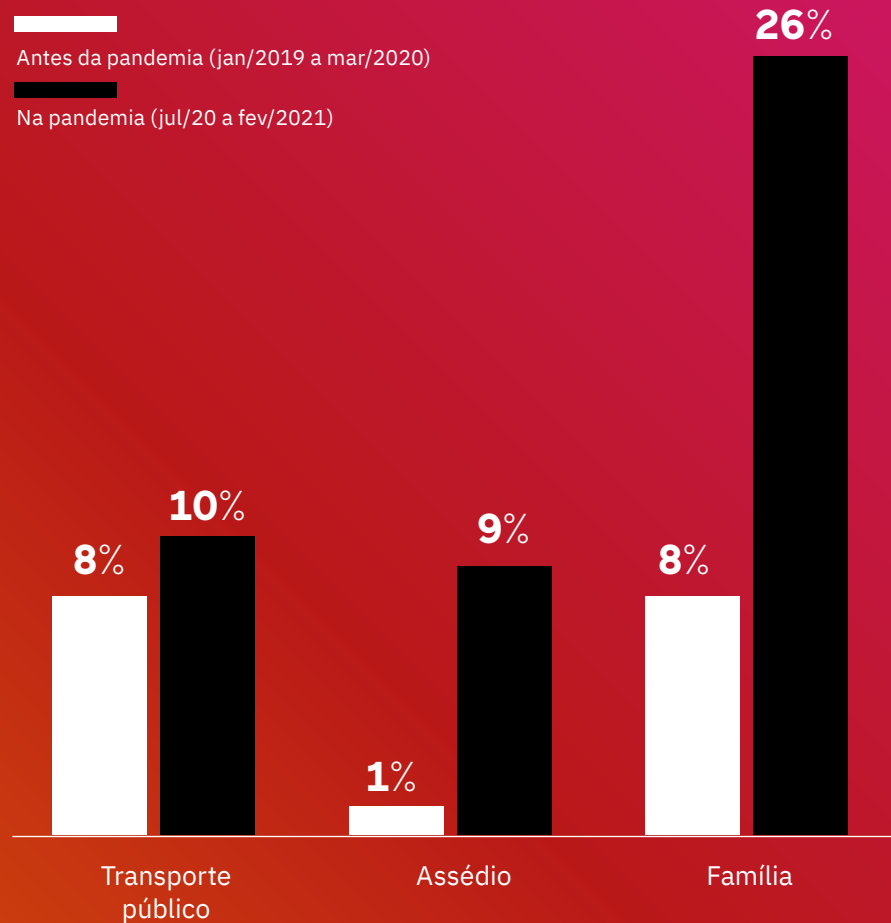


20%
dos casos
envolvem
meninas menores
de idade.



70%
são casos de
perseguição em
ambientes digitais,
que intensificam
violências já
existentes.

DIVISÃO DAS TAGS DE VÍDEO COM TEOR DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS SITES PORNOGRÁFICOS



Fonte: Consulta dos domínios do Xvídeos, PornHub e XNXX no SemRush durante a tomada pré-pandêmica, entre jan/2019 e mar/20.

E durante a pandemia?

Em nossa tomada pandêmica, percebemos que o volume de acessos aos principais sites de pornografia **creceu 35%** durante a pandemia, indicando que usuários que já consumiam esse tipo de conteúdo passaram a consumi-lo com maior frequência.

Houve, também, quando comparados ao período anterior, um **aumento de 55%** no volume de visualizações de vídeos que fazem alusões a violências contra meninas e mulheres.

Estimamos cerca de 1,4 bilhão de visualizações de vídeos de assédio em transporte público nos sites pornográficos durante a pandemia.

Ao analisarmos estes vídeos com descritivos que fazem referência a violências contra meninas e mulheres, notamos que *tags* como “família”, “transporte público” e “assédio sexual” apresentaram crescimento significativo no período da pandemia.

Nesse período, vídeos com tags relacionadas à “família” somaram 4,2 bilhões de visualizações nos sites XNXX, PornHub e Xvídeos, representando um crescimento de 18%.

A internet como rede de desabafo e apoio: impactos da violência

Em nossa pesquisa, também utilizamos um método de extração de posts, vídeos de comentários compartilhados por perfis pessoais do Facebook, **feitos entre junho de 2015 e março de 2020**, buscando entender melhor os impactos de situações de violência de gênero entre meninas e mulheres, entre elas também estão violências que acontecem no espaço digital. Através desses relatos, analisamos emoções, reações e consequências das violências sofridas por meninas e mulheres, via mais de 150 mil menções em grupos privados no Facebook e em *timelines* abertas do Twitter, **registrados entre junho de 2015 e de março 2020**.

De maneira, geral, as meninas e mulheres expressam medo, indignação, tristeza e culpa. Violência doméstica é mais relatada no Facebook (46%). Há medo de fazer isso em perfis públicos, por isso, em muitos casos, mulheres e meninas utilizam perfis anônimos. Situação semelhante acontece com relatos de violência sexual (29% em espaços privados), em que há medo, vergonha e culpa. No Twitter, são mais comuns relatos de perseguição e filmagem sem consentimento (42% e 28%).

Olhando caso a caso. Em situações de **violência sexual**, se destaca a prevalência da culpa como a principal emoção relatada (20%). Sentem que seus comportamentos, de alguma forma, estão associados à violência sofrida, seja porque beberam, porque conheciam os agressores, entre outros. Principais

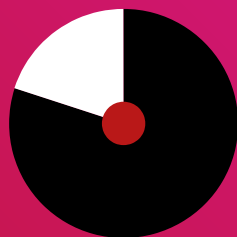
PRINCIPAIS REDES DE APOIO



20%

das mulheres que relataram **violência sexual** sentem como emoção principal a

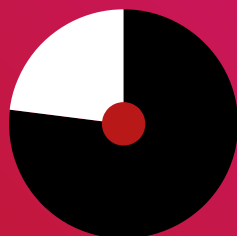
CULPA



23%

das mulheres que relataram **relacionamento abusivo** sentem como emoção principal a

TRISTEZA



47%

das mulheres que relataram **filmagens sem consentimento** sentem como emoção principal a

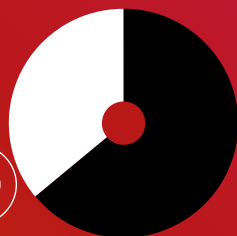
REPULSA



36%

das mulheres que relataram **vazamento de conteúdo íntimo** sentem como emoção principal o

DESESPERO



consequências são dificuldade de estabelecer novos vínculos afetivos e sociais, adoecimento psíquico (depressão, traumas, ansiedade). Algumas mencionam terem pensado em suicídio.

Já relatos de **relacionamentos abusivos** trazem a tristeza como a principal emoção relatada (23%). Há afeto pelas pessoas com quem se relacionaram e medo de iniciar uma nova relação, dificuldade de pensar em estabelecer novos relacionamentos. As experiências são relatadas como traumas que ressoam em suas vidas.

Quando relatam **filmagens sem consentimento**, indignação e repulsa (47% e 44%) são as principais reações emocionais. Sentem insegurança, violação do seu direito de ir e vir.

Vazamento de conteúdo íntimo: 36% relatam desespero por ajuda, informações sobre como retirar material do ar, buscar ajuda e caminhos judiciais cabíveis e rápidos. Acabaram se isolando, sofrendo repressão familiar e **14% pensaram em suicídio**.

Perseguição: indignação e repulsa (65% e 24%), pedem conselhos e ajuda. Quase metade mudou sua vida de alguma forma (caminho, transporte, comportamento em redes sociais).

Violência doméstica, emoção mais relatada é o medo (42%) e o desespero (32%), o que responde a pergunta do porquê mulheres não denunciam ou não buscam ajuda, receio de sofrer novas agressões ou de que elas se agravem, e em casos de ex-parceiros que eles se reaproximem para novas agressões. Resultado: adoecimento psíquico duradouro (depressão, crises de ansiedade, traumas). Consequências: desconfiança com relação a novos envolvimento e isolamento da sociedade, isto é, ter a vida social abalada.

Para lembrar: escala, velocidade e durabilidade das informações

Ofensas e agressões sofridas online como violência exponenciada pelas possibilidades inauguradas pela escala, velocidade e durabilidade das informações na internet. Nunca antes foi tão possível circular tanta informação de forma tão ampla e tão rápida. Em apenas um click, um comentário, um vídeo ou um print pode-se atingir públicos incalculáveis e impossíveis de serem atingidos por qualquer outro meio de comunicação.

Devemos lembrar, também, da durabilidade desses conteúdos, uma vez que algo colocado em uma plataforma pode (e geralmente deve) ficar registrado por mais tempo do que gostaríamos. Aquela opinião ou aquela foto que achávamos bacana há anos atrás podem virar uma verdadeira dor de cabeça fora do contexto ou com o passar do tempo. Isso é especialmente um problema para os chamados “nativos digitais”, aqueles e aquelas que já cresceram em meio à internet, posto que na rede podem existir arquivos de conteúdos produzidos quando estas pessoas eram crianças ou adolescentes.

A descontextualização e a durabilidade dos conteúdos são bandeiras vermelhas para as quais devemos prestar atenção no ambiente digital, proporcionando situações que facilitam a propagação de certas formas de violência próprias dos ambientes digitais, como a exposição não autorizada de fotos e vídeos íntimos, perseguições (também chamadas de bullying) ou mesmo certas modalidades de assédio, ameaças e ataques de ódio.

VIOLÊNCIAS NO ESPAÇO DIGITAL:



EXPOSIÇÃO

A internet pode **expor a vítima** a um volume expressivo de pessoas, familiares, amigos, colegas de trabalho, entre outros.



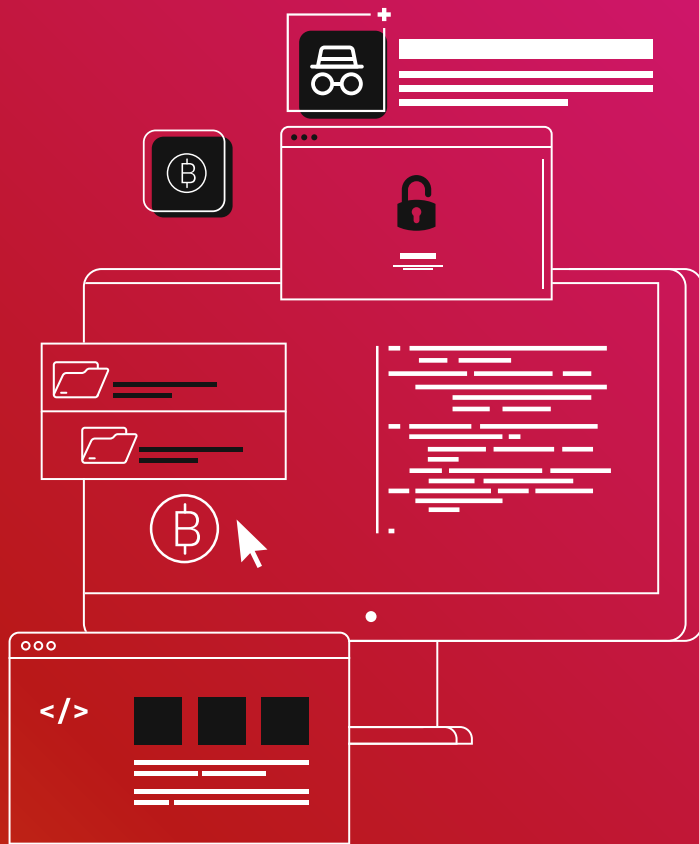
+ PERMANÊNCIA

Os momentos na internet podem ser “**eternos**”. Por exemplo um compartilhamento indevido de conteúdo íntimo pode ser baixado e salvo por terceiros.



+ FALTA DE CONTROLE SOBRE A REPERCUSSÃO

A vítima não tem controle sobre o tamanho da repercussão, o que pode causar sensação de **opressão, vergonha e afastamento social**.



FÓRUNS TIPO CHAN SÃO GRUPOS DE INTERAÇÃO ANÔNIMA NA “DEEP WEB”, QUE É O NOME QUE SE DÁ À CAMADA DA INTERNET QUE NÃO PODE SER ACESSADA POR MEIO DO GOOGLE POR EXEMPLO

Na escuridão da Deep Web: agressores misóginos organizados

Há uma rede organizada de produtores e “circuladores” de materiais e ataques a mulheres na rede que coordenam e compartilham conteúdos violentos, muitas vezes ajudando agressores que conhecem a vítima. Nossa pesquisa mapeou um modus operandi particular presente na “deep web” em fóruns tipo *chan* liderados por praticantes de violência que se assumem como misóginos, isto é, propagadores de ódio por mulheres, que trocam materiais íntimos de meninas e mulheres entre si. Essa troca de conteúdos é reunida por líderes de fóruns que, por sua vez, são muitas vezes responsáveis por municiar alguns sites pornográficos.

Com alguma frequência, tivemos acesso a planejamentos de ataques a vítimas específicas, por vezes encomendados por ex-namorados ou conhecidos, que solicitam dados pessoais, imagens íntimas, técnicas para clonar/ invadir/ monitorar celulares e computadores bem como informações sobre como cometer violências sexuais.

Fóruns tipo *chan* são grupos de interação anônima (um tipo de fórum de discussão) na “deep web”, que é o nome que se dá à camada da internet que não pode ser acessada através de mecanismos de busca, como o Google ou o próprio navegador que você usa. Fóruns *chan* são conhecidos como o “submundo da internet”.

Nestes espaços, muitos usuários trocam informações e imagens sobre meninas e mulheres com o intuito de persegui-la, difamá-las e atormentá-las. Há muitas discussões sobre vazamentos de conteúdos íntimos, existindo, inclusive, um mercado de “encomenda” de materiais de determinadas vítimas. É comum encontrar usuários que pedem conteúdos de vítimas específicas ou encomendam a identificação (dados pessoais e perfis em rede) de meninas e mulheres cujo conteúdo vazou na internet. Esses ataques são tão mais eficazes quando se chega à família e aos conhecidos da vítima, gerando humilhação, ameaças e chantagens.

Os usuários de chan possuem um vocabulário próprio, como o uso da gíria “depósito” para identificar mulheres, e geralmente motivados ora por términos de relacionamento ora por interesses unilaterais, isto é, situações em que não são correspondidos amorosamente. Nos fóruns, as interações costumam trazer muito ódio e ressentimento. Eles têm preferência por determinado perfil branco, jovem (65% de 18 a 24 anos), que publica fotos consideradas provocantes, sensuais ou reveladoras (ensaios fotográficos com nudez parcial, fotos de biquíni e lingerie) e com contas públicas no Instagram. Os praticantes de violência veem isso como uma autorização moral para agressões morais.

Muitas vezes, sem perceber, podemos estar produzindo situações de discriminação e violência. Portanto, como coletividade, está em nossas mãos elaborar e propor formas de utilizar as tecnologias e a internet para o que elas proporcionam de melhor e mais positivo: a ampliação de vozes, a democratização de conhecimentos e a circulação de conteúdos.

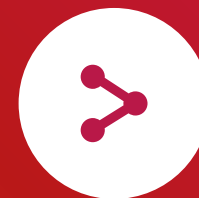
COMO FUNCIONA A ORGANIZAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE CONTEÚDOS VIOLENTOS:



Há uma rede organizada de **produtores** e “**circuladores**” de materiais e ataques a mulheres na rede.



Nossa pesquisa mapeou um **modus operandi** particular presente na “**deep web**” em fóruns tipo *chan* liderados por praticantes de violência que se assumem como **misóginos**.



Esses propagadores de ódio por mulheres **trocam materiais íntimos** de meninas e mulheres entre si.



Essa troca de conteúdos é reunida por líderes de fóruns que, por sua vez, são muitas vezes responsáveis por municiar alguns **sites pornográficos**.



Esses ataques são tão mais eficazes quando se chega à **família** e **aos conhecidos da vítima**, gerando humilhação, ameaças e chantagens.

Impactos reais das violências virtuais: para usos mais saudáveis das redes

Nunca é demais enfatizar que o virtual é muito real e os impactos das violências e violações sofridas na rede não são nada ilusórias ou abstratas. Pessoas adoecem, se calam e podem até mesmo tirar suas próprias vidas após esses episódios. Na internet, todos/as os/as usuários/as são consumidores/as e produtores/as de conteúdo, por isso nossos comportamentos nas redes geram consequências reais para as pessoas sobre quem comentamos ou de quem compartilhamos informações.

De maneira geral, há três grandes formas de propagação de violências em ambientes digitais: seja cometendo diretamente violações contra meninas e mulheres, seja pertencendo a grupos organizados de ataques, humilhações e exposições (como alguns membros dos fóruns *chan*), seja compartilhando conteúdos íntimos e/ou ofensivos sem autorização ou consentimento das pessoas envolvidas.



ESCOPO METODOLÓGICO



TEMA	AMBIENTE	UNIVERSO	VARIÁVEIS COLETADAS	SELEÇÃO	ABRANGÊNCIA TEMPORAL
Pornografia online	Sites Pornográficos	14.190 vídeos	Legendas, volume de visualizações, resolução, duração e data de postagem dos vídeos	PornHub, Xvideos e XNXX	<p>De modo geral, grande parte dos dados foram coletados entre o período de julho de 2019 até fevereiro de 2021.</p> <p>Para análises comparativas, o período analisado foi de 1 ano, sendo:</p> <p>Pré pandemia: Jul 2019 a fev 2020</p> <p>Pós início da pandemia: Jul 2020 a fev 2021</p>
Formas de violência	Facebook (grupos privados); Twitter (posts públicos)	1.530 menções	Texto da publicação, volume de interações (comentários, compartilhamentos, curtidas)	Termos e palavras-chave temáticas	
Relatos de violência doméstica	Twitter (posts públicos)	20.988 menções	Texto da publicação, volume de interações (comentários, compartilhamentos, curtidas)	Termos e palavras-chave temáticas	
Repercussão da Imprensa	Portais de notícias	9.299 notícias	Título, autor, veículo, texto, repercussão em redes sociais	Termos e palavras-chave temáticas	

ESCOPO METODOLÓGICO



TEMA	AMBIENTE	UNIVERSO	VARIÁVEIS COLETADAS	SELEÇÃO	ABRANGÊNCIA TEMPORAL
Pornografia online	Sites Pornográficos	286.865 vídeos	Legendas, volume de visualizações, resolução, duração e data de postagem dos vídeos	Sites com maior tráfego no Brasil	Janeiro 2019 a março 2020
Impacto da Violência	Facebook (grupos privados); Twitter (posts públicos)	152.519 menções	Texto da publicação, volume de interações (comentários, compartilhamentos, curtidas)	Termos e palavras-chave temáticas	Junho 2015 a março 2020
Espaços de denúncia e apoio	Facebook (grupos privados); Twitter (posts públicos)	152.519 menções	Texto da publicação, volume de interações (comentários, compartilhamentos, curtidas)	Termos e palavras-chave temáticas	Junho 2015 a março 2020
Repercussão da Imprensa	Portais de notícias	164.290 notícias	Título, autor, veículo, texto, repercussão em redes sociais	Termos e palavras-chave temáticas	Janeiro 2019 a março 2020
Praticantes de violência	Fóruns CHAN	1.954 menções	Menções, posts, data e informações da thread	Termos e palavras-chave temáticas	Janeiro 2019 a março 2020

Realização

Instituto Avon e Decode

Realização e análise da pesquisa

Decode

Pesquisador responsável

Renato Dolci

Coordenadores

Lucas Fontelles

Luiza Pirani

Pedro Lenhard

Gerente de Causas (Instituto Avon)

Regina Célia Barbosa

Coordenadora de Pesquisa (Instituto Avon)

Beatriz Accioly

Coordenadora de Comunicação (Instituto Avon)

Giuliana Borges

Redação

Beatriz Accioly

Edição

Luciana Savioli

Design

Casa Grida

Planejamento e supervisão do e-book

Beatriz Accioly

Giuliana Borges

Luciana Savioli

Diretora executiva do Instituto Avon

Daniela Grelin

NOTA TÉCNICA

Devido à natureza dos dados com os quais trabalhamos nesta pesquisa – a saber, conteúdos que passaram por processos algorítmicos de mineração de dados – volumes e variedades de assuntos espontaneamente abordados por usuários e usuárias da internet..

Algoritmos e softwares não são neutros, e uma vez programados por humanos e humanas, podem reproduzir desigualdades e injustiças sociais. Tendo isso em vista, avaliamos que esta técnica de produção de dados não nos permitiria, por exemplo, tratamentos devidamente cuidadosos e adequados de características e informações que tendem a ser autodeclaradas, como é o caso de categorias de identificação étnico-racial e de classe socioeconômica no Brasil. Por isso, nessa pesquisa, nossos dados não trazem alguns cruzamentos costumeiros em pesquisas de opinião, intervenções estas que abordam diretamente as pessoas entrevistadas.

**INSTITUTO
AVON**

DECODE